

O SONHO DO SERVO*

JOSÉ MARIA ARGUEDAS

Um homenzinho caminhou até a casa-grande de seu patrão. Como era servo, ia cumprir o seu período de servente na grande residência. Era pequeno, de corpo miserável, ânimo fraco, todo lamentável; suas roupas eram velhas.

O grão-senhor, dono da fazenda, não pôde conter o riso quando o homenzinho o saudou, no alpendre da residência.

– És gente ou outra coisa? – perguntou-lhe diante de todos os homens e mulheres que estavam de serviço.

Humilhando-se, o servo não respondeu. Apavorado, com os olhos gelados, ficou de pé.

– Vamos ver! – disse o patrão. – Pelo menos saberá lavar panelas, ou talvez manejar uma vassoura, com essas mãos que parecem não ser de nada. Leva embora essa porcaria! – ordenou ao capataz da fazenda.

Ajoelhando-se, o servo beijou as mãos do patrão e, todo curvado, seguiu o capataz até a cozinha.

O homenzinho tinha o corpo pequeno, no entanto as suas forças eram as de um homem comum. Tudo o que lhe mandavam fazer, fazia bem. Mas havia um quê de espanto no seu rosto; alguns servos riam ao vê-lo assim, outros se apiedavam. “Órfão dos órfãos; filho do vento da lua deve ser o frio de teus

* Traduzido por Maria José Silveira.

olhos; o coração, pura tristeza”, dissera ao vê-lo a mestiça cozinheira.

O homenzinho não falava com ninguém; trabalhava calado; comia em silêncio. Tudo o que lhe ordenavam, fazia. “Sim, senhorzinho; sim senhorinha”, era tudo o que costumava dizer.

Talvez por ter uma certa expressão de espanto, e por sua roupa tão esfarrapada e talvez, também, porque não queria falar, o patrão sentia um desprezo especial pelo homenzinho. Ao anoitecer, quando os servos se reuniam no alpendre da casa-grande para rezar a ave-maria, nessa hora, o patrão sempre martirizava o servo diante de toda a criadagem; sacudia-o como um pedaço de pele.

Empurrava-o pela cabeça e o obrigava a se ajoelhar, e assim, quando já estava agachado, dava-lhe pequenos golpes na cara.

– Parece um cão. Ladra! – dizia-lhe.

O homenzinho não conseguia ladrar.

– Fica de quatro pés – ordenava-lhe, então.

O servo obedecia e dava uns passos em quatro pés.

– Trota de lado, como cão – continuava ordenando o fazendeiro.

O homenzinho sabia correr imitando os cães pequenos dos páramos.

O patrão ria com gosto; o riso lhe sacudia o corpo.

– Volta! – gritava quando o criado alcançava, trotando, o extremo do grande alpendre.

O servo voltava, de ladinho. Chegava cansado.

Alguns de seus semelhantes, os criados, enquanto isso rezavam a ave-maria, devagar, com o vento interior no coração.

– Levanta as orelhas agora, lebre! És uma lebre! – ordenava o senhor ao cansado homenzinho. – Senta sobre os dois pés; junta as mãos!

Como se no ventre de sua mãe houvesse sofrido a influência modeladora de alguma lebre, o servo imitava exatamente a figura de um desses animaizinhos, quando ficam quietos entre as rochas, como se rezassem. Mas não conseguia levantar as orelhas.

Golpeando-o com as botas, sem chutá-lo forte, o patrão derrubava o homenzinho sobre o piso de tijolos do alpendre.

– Rezemos o pai-nosso – dizia, então, o patrão a seus índios criados que esperavam em fila.

O servo se levantava aos poucos, mas não podia rezar porque não estava no lugar que lhe correspondia e nem esse lugar correspondia a ninguém.

Ao escurecer, os criados desciam do alpendre ao pátio e se dirigiam ao casario da fazenda.

– Vai embora, tripinha! – costumava ordenar, depois, o patrão ao servo.

E assim, todos os dias, diante da criadagem, o patrão maltratava seu novo servo. Obrigava-o a rir, a fingir o pranto. Entregou-o à mofa de seus iguais, os empregados da fazenda.

Mas... uma tarde, na hora da ave-maria, quando o alpendre estava cheio com toda a gente da fazenda, quando o patrão começou a olhar o servo com seus olhos densos, esse... esse homenzinho falou muito claramente. Seu rosto continuava como se estivesse um pouco espantado.

– Grão-senhor, dá-me tua licença; senhorzinho meu, quero falar – disse.

O patrão não ouviu o que ouvia.

– O quê? Foste tu quem falou ou um outro? – perguntou.

– Tua licença, senhorzinho, para te falar. É a ti a quem quero falar – repetiu o servo.

– Fala... se é que podes – respondeu o fazendeiro.

– Meu pai, senhor meu, coração meu – começou a falar o homenzinho. – Sonhei esta noite que havíamos morrido os dois juntos; juntos havíamos morrido.

– Comigo? Tu? Conta tudo, índio – disse-lhe o grande senhor.

– Como éramos homens mortos, senhor meu, aparecemos desnudos, os dois juntos, desnudos, diante de nosso grande Pai São Francisco.

– E depois? Fala! – ordenou o patrão, entre irritado e inquieto pela curiosidade.

– Vendo-nos mortos, desnudos, juntos, nosso grande Pai São Francisco nos examinou com seus olhos que alcançam e medem não se sabe até que distância. A ti e a mim nos examinava, pesando, creio, o coração de cada um e o que éramos e o que somos. Como homem grande e rico tu enfrentavas esses olhos, meu pai.

– E tu?

– Não posso saber como estive, grão-senhor. Eu não posso saber o que valho.

– Bem, continua contando.

– Então, depois, nosso Pai disse com sua boca: “De todos os anjos, que venha o mais formoso. Que acompanhe a esse incomparável outro anjo pequeno, que seja também o mais formoso. Que o anjo pequeno traga uma taça de ouro, e a copa de ouro cheia do mel mais transparente”.

– E então? – perguntou o patrão.

Os índios ouviam, ouviam o servo com atenção sem medidas, mas atemorizados.

– Dono meu: assim que nosso grande Pai São Francisco deu a ordem, apareceu um anjo, brilhando, alto como o sol; veio até chegar diante de nosso Pai, caminhando devagar. Atrás do anjo maior, marchava outro pequeno, belo, de luz suave como o esplendor das flores. Trazia nas mãos uma taça de ouro.

– E então? – repetiu o patrão.

– Dizendo: “Anjo Maior, cobre a este cavalheiro com o mel que está na taça de ouro; que tuas mãos sejam como plumas quando passarem sobre o corpo do homem”, nosso grande Pai ordenou. E assim o anjo excelso, levantando o mel com suas mãos, embelezou teu corpinho, todo, desde a cabeça até a unha dos pés. E te ergueste, só; no esplendor do céu, a luz do teu corpo sobressaía, como se fosse feito de ouro transparente.

– Assim tinha que ser – disse o patrão; e logo perguntou: – E a ti?

– Quando tu brilhavas no céu, nosso grande Pai São Francisco tornou a ordenar: “Que de todos os anjos do céu, venha o de menor valor, o mais ordinário. Que esse anjo traga, numa lata de gasolina, excremento humano”.

– E então?

– Um anjo que já não prestava, velho, de pés escamosos, a quem não alcançavam as forças para manter as asas no lugar, chegou diante de nosso grande Pai; chegou bem cansado, com as asas caídas, trazendo nas mãos uma lata grande. “Olha aqui, velho” – ordenou nosso grande Pai a esse pobre anjo, – “mela o corpo desse homenzinho com o excremento que está na lata que trouxeste; todo o corpo, de qualquer jeito; cobre-o como possas. Rápido!” Então, com suas mãos nodosas, o velho anjo, tirando o excremento da lata, me cobriu o corpo, desigual, assim como

quem joga barro na parede de uma casa vagabunda, sem cuidado. E apareci envergonhado na luz do céu, fedendo...

– Assim mesmo tinha que ser – afirmou o patrão. Continua! Ou tudo termina aí?

– Não, senhorzinho meu, senhor meu. Quando novamente, ainda que de outro modo, nos vimos juntos os dois, diante de nosso grande Pai São Francisco, ele tornou a nos olhar, também novamente ora a ti, ora a mim, muito tempo. Com seus olhos que enchiam o céu, não sei até que profundidade nos alcançou, juntando a noite com o dia, o esquecimento com a memória. E depois disse: “Tudo o que os anjos deviam fazer com vocês, já está feito. Agora, lambam-se um ao outro! Devagar, por muito tempo”. O velho anjo rejuvenesceu nesse instante; suas asas recuperaram sua cor negra, sua grande força. Nosso Pai encarregou-o de vigiar para que se cumprisse sua vontade.

JOSÉ MARIA ARGUEDAS, escritor e etnólogo peruano, é considerado um dos maiores escritores de seu país. É autor de vários ensaios etnográficos e romances, um dos quais já publicado no Brasil: *Os Rios Profundos* (Ed. Paz e Terra). Este conto foi contado a Arguedas por um velho comuneiro de Qaqa, perto de Cuzco, Peru.